

RESISTÊNCIAS NEGRAS CONTRA O CAPITAL: LAUDELINA DE MELO CAMPOS E MINERVINO DE OLIVEIRA

Ana Luiza Almeida Passos*

Introdução

A desigualdade de raças que existe no mundo do trabalho é comum na maioria dos países capitalistas. As raças estabelecidas como inferiores “[...] participam em menor grau do produto do próprio trabalho. Sendo também essas raças que podem reivindicar em menor escala, em comparação com os trabalhadores brancos, ou pertencentes a estratos sociais privilegiados” (IANNI, 1978, p. 133-134). Ainda que não haja institucionalização da segregação no Brasil, o(a) negro(a) brasileiro(a) se vê apartado(a) da socialização como classe trabalhadora, como cidadão e até mesmo de ser e estar onde quiser, o que acabou, ao longo da história, criando simbolicamente, locais destinados para pretos e brancos. Sobre isso, Moura vai dizer que:

O negro somente se organiza em grupos separados dos brancos [...] em razão da não-existência de uma barragem institucionalizada (o que seria a segregação), mas da permanência de um comportamento convencional restritivo e seletivo que vê no negro a simbolização daquilo que é polo negativo dos valores brancos e do *sistema* capitalista (MOURA, 1988, p. 121, grifo do autor).

Assim, no período pós-abolição começam a surgir articulações negras como maneira de organização e resistência perante a nova forma de vida. Sobretudo incitados pelos inúmeros casos de preconceitos raciais, homens e mulheres pretas decidem se organizar de diversas maneiras a fim de combaterem as discriminações que viviam, visando melhorarem suas condições sociais e econômicas. Domingues (2007) explica que o movimento negro é a luta das pessoas negras contra todas as particularidades preconceituosas e discriminatórias, desde a perspectiva racial que as perpassa à sociedade na qual estão inseridas. Ele complementa dizendo que:

Para o movimento negro, a “raça”, e por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. [...] a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (DOMINGUES, 2007, p. 101-102).

* Mestranda em Ciências Humanas e Sociais pela UFABC e bacharela em Ciência Política e Sociologia, Estado e Política na América Latina pela UNILA (2020).

Dessa maneira, quando se pensa na população negra, que foi historicamente socializada no pós-abolição e preterida no mercado formal de trabalho, “falar sobre raça e economia é falar de desigualdade” (ALMEIDA, 2018, p.121), visto que, ao analisarmos dados referentes a salários, contratos e carteiras assinadas pelo viés racial, a população negra é sempre a mais prejudicada e/ou quase inexistente em alguns setores. Portanto, o enfrentamento à desigualdade está intrinsecamente ligado ao combate à pobreza, que afeta principalmente a população negra no Brasil, e acarretaria enfrentar o racismo ainda tão presente em nossa sociedade. Conforme Almeida:

Há anos inúmeras pesquisas têm demonstrado que a raça é um marcador determinante da desigualdade econômica e que direitos sociais e políticas universais de combate à pobreza e distribuição de renda que não levam em conta o fator raça/cor mostram-se pouco efetivas (ALMEIDA, 2018, p. 122).

Em uma sociedade na qual alguns poucos se beneficiam da desigualdade e muitos sofrem as consequências de uma realidade cruel que os submete a um lugar infame; em que a realidade concreta e a história não são levadas em consideração como forma de minimizar os acontecimentos do passado que resultam no agora, muitos caem no equívoco de acreditar na meritocracia, como se o desenvolvimento individual não tivesse ligação com a realidade material de cada um. Por isso, muitas vezes a desigualdade é justificada pelo mérito individual, o que faz com que algo estrutural como o racismo seja transformado em uma noção individualista, descaracterizando toda a sua base histórica e as reflexões sobre seus impactos concretos (ALMEIDA, 2018). Acerca disso, Davis diz que:

A suposição de que a emancipação tornava os escravos iguais às mulheres brancas [...] ignorava a total precariedade da recém-conquistada “liberdade” da população negra após a Guerra Civil. Embora as correntes da escravidão tivessem sido rompidas, a população negra ainda sofria as dores da privação econômica e enfrentava a violência terrorista de gangues racistas, cuja intensidade não comparava nem mesmo a escravidão (DAVIS, 2016[1981], p. 85).

No entanto, nosso intuito não é historicizar o movimento negro, mas apresentar personalidades importantes para a toda a classe trabalhadora brasileira, demonstrando também a socialização da pessoa negra com o mundo do trabalho “livre” e suas reivindicações, a fim de contribuirmos para uma emancipação real da classe trabalhadora, superando to-

das as estruturas de poder que compõem o sistema patriarcal, capitalista e racista em que vivemos. Assim, voltamos ao começo do século XX para apresentar duas personalidades que resistiram contra a exclusão, a marginalização e a violência experienciada pela população negra; contra a exploração da classe trabalhadora e pela ruptura da hegemonia burguesa. Essas personalidades são: Laudelina de Melo Campos e Minervino de Oliveira, as quais merecem ser recordadas, pois são exemplos de vidas em prol da emancipação real de todos os oprimidos.

Laudelina e seu legado para as domésticas

Começamos narrando a história da empregada doméstica e militante sindical Laudelina de Campos Melo¹, negra e mineira. Nascida em 1904, Laudelina teve uma trajetória de vida muito semelhante à maioria das mulheres negras no Brasil, começando a trabalhar com sete anos e estudando somente até a terceira série, porque tinha que ajudar a mãe com a criação dos irmãos (LAUDELINA, 2015 [1989]). Aos 16 anos, deu início à sua militância em organizações de cunho cultural “sendo eleita presidente do Clube 13 de Maio, agremiação que promovia atividades recreativas e políticas entre os negros da sua cidade” (HERÓIS, 2010). Em 1924, já casada, Laudelina se muda para a cidade de Santos, onde, juntamente com o marido, fez parte da agremiação Saudade de Campinas, um grupo cultural dos negros santistas que atuavam na conscientização da população negra, e na qual também Laudelina foi diretora (LAUDELINA, 2015[1989]).

Em 1936 se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), onde sua militância ganhou um teor ainda mais político, e foi nessa mesma época que ela “fundou a primeira Associação de Trabalhadores Domésticos do país, mas que foi fechada durante o Estado Novo, e voltando a funcionar em 1946” (HERÓIS, 2010). Laudelina também teve protagonismo na fundação da tão conhecida Frente Negra Brasileira, que foi desde jornal à partido político, sendo uma das organizações negras mais emblemáticas da história, chegando a ter 30 mil associados no decorrer da década de 1930.

Enquanto os trabalhadores brancos já tinham seu espaço no mercado formal de trabalho e as mulheres brancas começavam a conquistar algum prestígio social e até mesmo nesse mercado, mulheres negras como Laudelina ainda estavam à mercê de uma vida na precariedade. Sem acesso à educação de qualidade, saúde e moradia, eram condicionadas ao trabalho braçal como quitandeiras, lavadeiras, arrumadeiras e babás. Tudo isso era herança do período colonial, que até aquele momento não tinha dado para aquelas mulheres a chance de mudarem tal realidade.

Sobretudo, quando a Constituição de 1934 “consagrou

1. O sobrenome de Laudelina não era seu de família, assim como toda a população negra brasileira, como forma de renúncia a tudo que vivera sua mãe, que foi dada por sua avó escrava à família Junqueira, decidiu não assinar seu nome com o sobrenome da família que explorou sua mãe desde criança. Por isso, convenceu a mãe que elas assinassem com o sobrenome de seu pai: Campos Melo. Laudelina disse que esse episódio significou a abolição dela e da mãe (LAUDELINA, 2015[1989]).

os direitos trabalhistas [...], oficializou os sindicatos, mas as domésticas não tinham permissão para se sindicalizar. Podiam criar apenas associações em conformidade com a legislação civil” (LEVINO, 2020). Essa não sindicalização das trabalhadoras domésticas apartavam-nas da possibilidade de se organizarem, reivindicarem seus direitos e melhorias trabalhistas. No entanto, Laudelina viu, nas associações, a possibilidade de mudar tal realidade, tornando-as, não só um espaço de reivindicação para as trabalhadoras,² como também um lugar que “[...] se preocupava com a formação política das associadas, tendo desenvolvido atividades diversas, especialmente cursos de alfabetização e de conhecimento da legislação trabalhista” (IBIDEM).

Laudelina, ao criar a Associação de Trabalhadores Domésticos, defronta-se com a realidade de não trabalhadores(as) formais negros(as), portanto, sua luta não foi somente em benefício das trabalhadoras domésticas, mas também de todo conjunto da classe trabalhadora negra que, naquele momento, se encontrava em posição de desvantagem em relação ao trabalhador branco. Ela, mulher negra e doméstica, há somente 40 anos da abolição, entendeu a complexidade da classe trabalhadora negra brasileira, que se encontrava em condições “[...] tão ruins, se não piores, do que as do período da escravidão” (APTHERKER, 1973[1921], p. 146, apud DAVIS, 2016[1981], p. 98). Isso demonstra a visão de totalidade de Laudelina, que nunca subjugou uma pauta sobre a outra, mas que percebeu que todas as opressões vividas pela classe trabalhadora para além da exploração de classe, eram só agravantes para tal exploração.

À vista da totalidade, Davis diz que:

[...] Por terem uma consciência tão profunda da indissociabilidade entre a luta pela libertação negra e a luta pela libertação feminina, as irmãs nunca caíram na armadilha ideológica de insistir que um combate era mais importante do que o outro. Elas reconheciam o carácter dialético da relação entre as duas causas (DAVIS, 2016[1981], p. 56).

Segundo o documentário *Laudelina: Suas Lutas e Conquistas* (2015[1989]), em 1953 Laudelina saiu da fazenda onde trabalhava e mudou-se para Campinas. Leitora do jornal *Correio Popular*, percebeu que sempre tinham anúncios que mencionavam “Precisa-se empregada: prefere-se portuguesa”, “Precisa-se de cozinheira: prefere-se branca.” (2015[1989]), Laudelina foi até o jornal para reclamar do racismo desses anúncios e o jornalista Bráulio Mendes Nogueira, que também era comunista, concordou com ela. A partir de então, anúncios como esses não foram mais publicados/aceitos(?). Para ela, esse episódio foi a primeira vitória.

ssarinho, Ministro do Trabalho no governo do ditador

2. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, em 2019, 6 milhões de brasileiros dedicavam-se a atividades ligadas ao trabalho doméstico: mensalistas, diaristas, babás, motoristas, jardineiros e quaisquer outras atividades ligadas ao cuidado da família de quem os contrata. Do total, 92% são mulheres negras, em maioria de baixa escolaridade e baixa renda (IPEA, 2019). Esses dados, tão atuais, são resultados da nossa condição histórica, a qual Laudelina, em 1930, já visualizava a necessidade de uma organização para reivindicar direitos e melhorias trabalhistas tanto para as domésticas quanto para a classe trabalhadora como um todo.

O jornalista pergunta, ainda, se ela gostaria de fazer algo mais pelas empregadas domésticas, ao que ela então responde que pensava em ter novamente uma associação, como já havia feito em Santos; assim, ele a ajuda a se aproximar dos sindicatos da cidade. Em 18 de maio de 1961 foi fundada a primeira Associação Beneficente de Empregadas Domésticas de Campinas e, diferente da Associação de Domésticas de Santos, aquela daria início à expansão de associações por todo o país. Devido a isso, Laudelina foi apelidada por “Jarbas Passarinho, Ministro do Trabalho no governo do ditador Costa e Silva (1967-1969), [...] de ‘terror das patroas’” (LEVINO, 2020).

Além de ser perseguida pela ditadura, Laudelina sofreu saques e ataques na associação, por parte das patroas, as quais exigiam que a associação estivesse sob a direção delas. Laudelina então deixou a associação por alguns anos e se organizou com algumas mulheres na catedral da cidade de Campinas (LAUDELINA, 2015[1989]). No entanto, após a Constituição de 1988, fundam-se os primeiros sindicatos de empregadas domésticas; entretanto, só em 2015 elas teriam seus direitos trabalhistas minimamente equiparados a trabalhadores de outras categorias.

A transformação das associações de domésticas em sindicato se deu após a Constituição Federal de 1988, tendo os primeiros sindicatos sido fundados em São Paulo e no Recife. Laudelina participou ativamente da organização do Sindicato em São Paulo. [...] As conquistas das trabalhadoras domésticas se deram em escadinha: primeiro, foi a obrigatoriedade de assinatura da carteira profissional, mas grande parte das domésticas prefere que nem se dê a assinatura, temendo que essa anotação prejudique sua contratação para outro tipo de emprego. O avanço na legislação se deu em 2015, com a Lei Complementar nº 150, possibilitada pela Emenda Constitucional nº 72/2013. Com isso, seus direitos foram equiparados aos demais trabalhadores, embora na prática não tenha havido muita mudança, porque a maioria dos empregadores são famílias de classe média, com condições financeiras apertadas. Juntando isso, com a resistência de muitas mulheres à anotação da CPTS, a informalidade continua (LEVINO, 2020).

Contudo, as estatísticas mostram que menos da metade das trabalhadoras domésticas tem suas carteiras assinadas, o que demonstra o grau de informalidade a que essas trabalhadoras ainda estão submetidas. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, a porcentagem de trabalhadoras domésticas com carteira assinada caiu entre 2013 e 2018, chegando a 28,3% (IPEA, 2019), o que comprova que, mesmo depois da emenda constitucional de 2015 - que previa melhores condições empregatícias - essas condições não lhes foram garantidas, mesmo com o aporte da lei.

Apesar disso, Laudelina deixa um legado para além da luta por direitos, mas também o de superar todas as amarras de opressão e exploração às quais estamos submetidas(os). Ela nos mostra que cada uma tem a possibilidade de analisar e entender a complexidade do sistema em que vivemos, a partir da realidade de cada indivíduo e o quão é necessário atentarmos para a história como condicionante do que hoje existe. Laudelina também deixou a casa aonde viveu em Campinas como patrimônio ao Sindicato das Domésticas (Laudelina, 2015 [1989]).

No documentário *Laudelina: Suas Lutas e Conquistas*, de 2015, elaborado a partir de uma entrevista feita em 1989, Laudelina é perguntada sobre a situação da empregada doméstica no país, e sua resposta ao repórter é a seguinte:

[...] O escravo foi solto num campo aberto sem condição. Porque veio a mão de obra italiana, os profissionais, e eles foram jogados sem condições de vida. A mesma coisa, a maioria das empregadas domésticas são descendentes de escravos. Hoje todo mundo é escravo. O branco pobre também é escravo, então a gente tem que unir pra brigar junto. [...] O branco pobre não entra num tênis clube, porque ele é pobre. Nós vivemos num país que a sórdida política não conseguiu ainda chegar num meio termo, porque quem está lá dentro são os donos de engenho, são os donos das terras, do cafezal, dos gados. [...] Pra mudar temos que nos conscientizar, reunir e organizar, porque esperando essa gente nunca vamos subir. Nós é quem temos que lutar. [...] Todas as categorias trabalhar em conjunto. [...] Nós temos que gritar e nós não gritamos! (LAUDALINA, 2015[1989]).

Com quase 90 anos, ela responde com muita lucidez e relaciona a situação dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros(as) com nossa condição histórica; e fala, ainda, o que seria necessário para a superação desse sistema de exploração e opressão, deixando uma mensagem muito esperançosa, mas também de que é preciso muita luta e resistência.

Minervino: combate e resistência

Minervino de Oliveira, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 1891, foi operário, de família humilde e, como toda criança negra da época, começou a trabalhar na infância, com 10 anos, como aprendiz de tecelão. Aos 14 anos começou a trabalhar com marmoraria, e “dedicou-se, ainda, a atividades temporárias: foi lavrador, carvoeiro e empregado da Light. Retornou ao ramo da marmoraria e, talvez pensando no futuro, resolveu fazer carreira” (DOMINGUES, 2017, p.16).

Com extensivas horas de trabalho acompanhadas de baixos salários, Minervino começou a questionar as condições de trabalho e, com 20 anos somente ele já havia se engajado na militância sindical, fazendo parte do Centro dos Operários Marmoristas, ocupando várias vezes o cargo de Secretário. Tendo como objetivo lutar pelos direitos dos trabalhadores, fez parte das memoráveis greves da década de 20, onde “Conheceu o braço pesado da repressão e suas masmorras, mas não fraquejou. Desenvolveu a consciência de classe” (LEVINO, 2018).

Só depois da infância é que Minervino aprendeu a ler e a escrever e, além de lutar na frente para mudar a realidade, começou a escrever para jornais como *A Voz do Trabalhador*, *Spartacus* e *Voz do Povo*, o que, naquele momento, se caracterizou como a primeira fase do movimento negro no Brasil, na qual Domingues (2007) data de 1889 a 1937, e é caracterizada como *Imprensa Negra*, que representou o início de uma longa jornada contra o “preconceito de cor” (DOMINGUES, 2007, p.102). Logo após se filia ao PCB, e colabora também com *A Classe Operária*, que na época era o boletim oficial do partido (LEVINO, 2018).

Assim como Laudelina, Minervino também foi uma figura que acreditava na importância da articulação de todo o conjunto da classe trabalhadora para superar as opressões e explorações da sociedade burguesa e, no PCB, encontrou a possibilidade de articular para além dos sindicatos, uma vez que os partidos políticos eram compostos por trabalhadores que partilham da mesma ideologia, expressa no programa do partido. Domingues reflete sobre o Partido comunista Brasileiro e Minervino:

Foi na ilegalidade que Minervino de Oliveira a ele aderiu; talvez tenha se convencido, a partir de sua experiência no movimento operário e contato com a literatura marxista-leninista, que havia diferenças conceituais entre sindicato e partido revolucionário. Se o primeiro era concebido como uma organização da classe trabalhadora, formada para defender seus interesses específicos na luta contra a exploração patronal, o segundo também era considerado uma organização ligada à classe trabalhadora, porém criada com o fito de esposar um projeto político revolucionário para o conjunto da população, calcado na luta pela tomada do poder. [...] Minervino de Oliveira abraçou de ‘corpo e alma’ o programa do PCB, em sua opinião, os problemas sociais da nação só seriam resolvidos por uma transformação radical do regime (DOMINGUES, 2017, p. 19-20).

A influência e importância de Minervino entre os operários era tão grande que o Bloco Operário e Camponês (BOC), sob o estímulo do PCB, em 1928 decide indicá-lo para concorrer ao cargo de vereador, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, que na época contou com uma campanha com poucos recursos, feita através da interação com os traba-

lhadores, nas fábricas, nos bairros, com panfletagem, atividades culturais e comícios (LEVINO, 2018; DOMINGUES, 2017). No entanto, a polícia vigiava cada passo dado por eles, e no dia 27 de setembro de 1928 houve um ataque policial em um dos comícios que acontecia na porta da Marinha, o que, supostamente, era proibido. Assim, Minervino e Octávio – seu grande companheiro de luta – foram presos, mas os trabalhadores resistiram, a polícia atirou e um trabalhador foi morto (BUONICORE, 2010).

Esse evento, no entanto, nos parece contemporâneo quando o comparamos ao assassinato da vereadora Marielle Franco, em 14 de março em 2018, pela milícia da capital carioca. Assim como Minervino, ela também era perseguida por denunciar a truculência policial comandada pelo governo do Rio de Janeiro nas favelas e comunidades, e principalmente, por sua orientação política e ideológica de ultrapassagem dessa realidade desigual para uma outra realidade justa, desde uma visão antipatriarcal, antiracista e anticapitalista. Dessa maneira, esses dois episódios semelhantes demonstram que lideranças políticas negras são um aborrecimento para a burguesia econômica e política nacional, uma vez que colocam em risco todas as estruturas de opressão e de exploração e que, por esse motivo, recorrem aos aparelhos repressivos do Estado para silenciar essas lideranças.

Apesar da dificuldade do processo eleitoral da época, em que o voto não era obrigatório e havia muitas fraudes, Octávio e Minervino elegeram-se. Octávio em décimo lugar e Minervino em décimo-terceiro, com 8.082 votos; porém, com a morte de outro candidato eleito, ele toma posse pelo 2º Distrito, onde se concentravam muitos trabalhadores. Seria a primeira vez que comunistas, operários e um negro iriam ocupar uma instituição burguesa no Brasil jornal “A Classe Operária”, órgão do Partido Comunista, afirmou exultante:

Vitória! Vitória! Pela primeira vez na história do Brasil, após 428 anos de luta, os trabalhadores abrem uma brecha nas formidáveis muralhas do legislativo e penetram na cidadela inimiga para iniciar uma política de classe independente’. No juramento de posse que afirmava ‘Prometo manter, cumprir com lealdade e fazer respeitar a Constituição Federal, a Lei Orgânica do Distrito Federal e as leis emanadas do Conselho Municipal’, Brandão e Minervino acrescentaram: “porém, submetemos essas disposições aos interesses do operariado” (BUONICORE, 2010).

Minervino não se deixou levar pela política burguesa e se debruçou ainda mais na luta contra a exploração capitalista, deixando isso claro também para o Conselho Municipal. Ele e Octávio, conscientes do traba-

lho que tinham de fazer, inauguraram uma nova maneira de exercer a política para além das burocracias do Conselho, que em nada beneficiava o povo, assim, de maneira efetiva, buscavam estar em contado com os operários.

Em um pronunciamento, Minervino diz que: “Ao sair daqui todos os dias [...] dirijo-me ao seio do proletariado, que procuro às portas das fábricas, das oficinas, e nas organizações operárias” (DOMINGUES, 2017, p. 25). Em um dos tantos comícios que participavam, no dia 7 de outubro de 1929, em Niterói, Minervino e Octávio, ao discursarem em acordo com as reivindicações do movimento, foram presos. Apesar da Suprema Corte alegar a proteção parlamentar, na qual não poderiam ser presos, “as autoridades policiais preferiram violar – mais de uma vez – a imunidade parlamentar de Minervino de Oliveira e Octávio Brandão, os quais só foram soltos cerca de 48 horas depois” (DOMINGUES, 2017, p. 26).

Em 1930 houve eleição presidencial e os comunistas então buscaram construir uma alternativa classista diferente das outras candidaturas que visavam os interesses das classes dominantes. Na Aliança Liberal tinham como candidato Getúlio Vargas e, representando as oligarquias tradicionais, o candidato paulista Júlio Prestes (BUONICORE, 2010). Dessa maneira:

O documento final, analisando as candidaturas que se apresentavam, afirmou: ‘O candidato Júlio Prestes é um instrumento da classe capitalista em geral e dos grandes fazendeiros em particular. Sua política é do Partido Republicano e do imperialismo inglês. Candidato da mão direita da burguesia (...). O candidato Getúlio Vargas é um instrumento da classe capitalista e do imperialismo norte-americano. Candidato fascista a fingir-se de mão esquerda da burguesia. Liberal na aparência e reacionário na substância’. Nas avaliações políticas já era nítida a influência da política esquerdista que vinha sendo implementada pela Internacional Comunista desde 1929 (BUONICORE, 2010).

Sem embargo, o BOC, em seu Primeiro Congresso durante os dias 3 e 5 de novembro, aprovou o estabelecimento de uma revolução agrária e anti-imperialista como etapa preliminar da revolução proletária (LEVINO, 2018) e decidiu, também, que daria continuidade às suas candidaturas operárias e lançaria o nome de Minervino de Oliveira para concorrer à presidência da República. Tendo como vice Gastão Valentim Antunes, que era ferroviário, “Era a primeira vez na história do Brasil que um trabalhador, negro e comunista disputaria esse cargo” (DOMINGUES, 2017, p. 29).

Domingues retrata um pouco como foram as discussões em torno das candidaturas operárias:

Um dos pontos altos do Congresso foi a discussão em torno do candidato da legenda ao cargo de presidente da República. Manteve-se a política de “candidaturas operárias”, prova disso foi a escolha do marmorista Minervino de Oliveira. Era a primeira vez na história do Brasil que um trabalhador, negro e comunista disputaria esse cargo. Como vice de sua chapa, foi indicado o ferroviário Gastão Valentim Antunes; já no que diz respeito aos candidatos a senador e deputado federal pelo Distrito Federal, aprovou-se o nome do estivador Phenelon José Ribeiro para senador e os nomes do gráfico Mário Grazzini e do advogado Paulo Lacerda para deputados federais (DOMINGUES, 2017, p. 29).

No entanto, com a desculpa de que as organizações comunistas colocavam em risco a ordem pública, a polícia prendeu dezenas de trabalhadores filiados e até alguns jornalistas. O jornal *Diário Carioca* repudiou a ação dizendo que aquilo era mais uma manifestação reacionária para impedir os operários de exercerem o direito que o regime assegurava a todo cidadão (DOMINGUES, 2017). No outro dia, mais uma vez a polícia agiu com violência contra Minervino na então Praça Marechal Floriano, onde estava para uma comemoração ao aniversário da Revolução Russa, e para anunciar o então candidato. Domingues (2017), em *Minervino de Oliveira: um negro comunista disputa a presidência do Brasil*, retrata bem o ocorrido:

[...] décimo segundo aniversário da Revolução Russa e apresentar publicamente os candidatos do BOC à presidência da República [...] os agentes policiais agarraram-no pelo pescoço, impediram-no de discursar e o levaram detido. Seus companheiros se opuseram, mas “os secretas responderam, sacando seus revólveres e alvejando os presentes”. A polícia então resolveu avançar contra a multidão, desferir cacetadas, atirar a esmo e dissolver o comício violentamente. Instaurou-se o pânico. Os populares se dispersaram entre correrias e atropelos, alguns dos quais invadiram estabelecimentos comerciais, que cerraram as portas, e improvisaram refúgios nos carros das cercanias da praça. Como saldo final, cerca de cem pessoas presas (entre operários, transeuntes e até jornalistas) e três feridas, das quais duas à bala (DOMINGUES, 2017, p. 30).

Apesar de toda a perseguição, planejaram uma estratégia de campanha que previa a organização de comitês em algumas capitais e cidades do interior e a continuação de visita às fábricas, comícios e festivais culturais. A campanha, assim como toda a trajetória de militância de Minervino, também foi difícil, a polícia simplesmente ignorava o fato de Minervino ter a imunidade parlamentar; assim, teve materiais apreendi-

dos e comícios derrogados a tiros pela polícia (DOMINGUES, 2017; LEVINO, 2018). No entanto, Minervino persistia no *slogan* da campanha: *Votar no BOC é votar para a Revolução* e deu continuidade às mobilizações de difusão de sua campanha, mas sobretudo, no projeto da classe trabalhadora no campo da luta de classes, o qual sua candidatura era o veículo “[...] para outros embates futuros no sentido da revolução” (DOMINGUES, 2017, p. 34).

Contudo, os resultados da eleição para Minervino e para os candidatos ao Parlamento foram bastante negativos. De acordo com documentos do PCB, foram de três a quatro mil votos recebidos, mas, devido às fraudes que ocorreram, a apuração dos votos não foi muito confiável. Apesar disso, aquela eleição desencadearia ainda mais repressão para Minervino e seus companheiros militantes do PCB e do BOC. Mesmo considerando que, de certa forma, o objetivo do BOC não era eleitoral propriamente, mas sim de emancipação de todo o conjunto da classe trabalhadora da exploração e da burocracia burguesa, através de uma revolução das massas, para Minervino, aquilo significaria o arremate da sua vida de militância.

Nos trechos abaixo, Levino e Domingues narram como Minervino desaparece do cenário político revolucionário brasileiro:

Nas eleições, o candidato das oligarquias, Júlio Prestes, venceu com 57,44% dos votos. O da oposição, Getúlio Vargas, 39,09%. Mas a Aliança Liberal (Vargas) não aceitou o resultado, denunciou a fraude e desencadeou o levante armado que resultou na “Revolução de 30”. O PCB e o BOC denunciaram que não houve revolução alguma, e sim uma “quartelada pequeno-burguesa contra o povo para impedir a revolução das massas.” Os conselhos municipais foram fechados, o PCB e o BOC postos na ilegalidade. Prisões, foram centenas (LEVINO, 2018).

Petrônio retrata, ainda, a perseguição a Minervino e o período em que esteve preso:

Mesmo quando os adversários do antigo regime foram anistiados e postos em liberdade, Minervino de Oliveira permaneceu na masmorra. Era um preso político visto como perigoso. Seu filho primogênito, João Chrisostomo de Oliveira, fez apelos ao chefe de polícia do Distrito Federal para tentar libertá-lo, sob a alegação de que a família – que vivia numa pequena casa na Estrada da pedra, 44, Guaratiba – padecia em estado de “penúria” [...] Em vão. Somente após quase 100 dias seu pai foi solto, em fevereiro de 1931 (DOMINGUES, 2017, p. 40).

O desaparecimento de Minervino após a soltura, depois de cem dias preso pelo governo Washington Luís (DOMINGUES, 2017) é desalentador, e, sobretudo, o silenciamento das pessoas com ideias concretas para ultra-

passarmos essa realidade. apesar disso, ainda é uma figura de muita relevância, a qual teve uma trajetória que é símbolo de resistência e luta contra todos os aparelhos burgueses de exploração e opressão, e que até hoje é lembrado pelo comprometimento com a militância. Consciente de que só através da dissolução da base material que permite a reprodução desse sistema destrutivo será possível a emancipação da população negra, da classe trabalhadora e de todo conjunto de oprimidos e oprimidas, os quais são essenciais para a reprodução desse sistema de base desigual.

Considerações finais

Histórias como as de Laudelina e Minervino são a materialização do combate a toda forma de opressão e exploração vivida pela população negra. É ter como referência pessoas que fizeram da sua vida, luta e resistência, sem se deixar ludibriar pelas ideias burguesas, e sempre convictos de que, para a construção de uma outra realidade possível, é necessário não se esquecer que a história é o determinante concreto de toda nossa base material.

Dessa forma, esse texto traz uma retrospectiva da trajetória de dois personagens muito relevantes para a resistência da classe trabalhadora negra no Brasil: Laudelina de Campos Melo e Minervino de Oliveira; em que, cada qual com sua história, se fez combatente contra toda exploração e falta de direitos da classe trabalhadora brasileira. Por isso, lembrar Laudelina e Minervino é dar protagonismo a duas pessoas comprometidas com a emancipação de todo o conjunto da classe trabalhadora e de luta contra toda a exploração e opressão através do racismo.

Assim, eles nos deixaram o legado de sempre recordarmos da necessária radicalidade ao analisarmos as opressões que nos atinge. Todas as opressões que hoje existem são intensificadas pelo capitalismo, e que, portanto, se negros, indígenas, mulheres, LGBTQIAP+ e imigrantes são os que mais sofrem com a precarização da vida e do trabalho, é porque o capitalismo se apropriou – no caso do patriarcado – e criou mecanismos de manutenção das desigualdades. Sendo assim, todo o conjunto da classe trabalhadora, com suas determinações e o entendimento de que a história é o que condiciona o presente, é que será possível a luta anticapitalista para a superação de todas as opressões.

As resistências de Minervino de Oliveira e Laudelina de Melo Campos nos inspiram a lutar contra toda a opressão e exploração capitalista, uma vez que ela é inerente à condição da pessoa negra e que, a partir da articulação entre todo o conjunto da classe operária, seremos capazes de ultrapassar essa realidade.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **O que é o racismo estrutural?** Belo Horizonte: Feminismos Plurais, 2018.

BUONICORE, Augusto. Minervino de Oliveira: um operário negro para presidência do Brasil. **PORTAL GELEDÉS**, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/minervino-de-oliveira-um-operario-negro-para-presidencia-do-brasil/>>. Acesso em: 14 Outubro 2020.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016[1981].

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, p. 100-122, Março 2007.

_____. Minervino de Oliveira: um negro comunista. **Lua Nova**, São Paulo, p. 13-51, 2017.

HERÓIS de todo mundo. **Acorda Cultura**, 2010. Disponível em:

<<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/heroi/laudelina>>.

Acesso em: 2 Outubro 2020.

LAUDELINA: Lutas e Conquistas. Produção: Museu da Cidade. [S.l.]: Museu da Imagem e do Som/MIS. 2015. Disponível em :<<https://www.youtube.com/watch?v=JYL2Ki8ItGg>>. Acesso em: 11 de Outubro 2020

LEVINO, José. Minervino de Oliveira, negro, operário, comunista! **A verdade**, 2018. Disponível em:

<<https://averdade.org.br/2018/05/minervino-oliveira-negro-operario-comunista/>>. Acesso em: 12 Outubro 2020.

LEVINO, José. Laudelina de Campos Melo: Uma vida de luta contra a opressão tripla. **A verdade**, 2020. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2020/04/laudelina-de-campos-melo-uma-vida-de-luta-contra-a-opressao-tripla/>>. Acesso em: 10 Outubro 2020.

MOURA, Clóvis; **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: [s.n.], 1988.

QUEM foi a líder Laudelina de Campos Mello. **Blog da Casa Laudelina**. Disponível em:

<<https://casalaudelinadecamposmello.wordpress.com/quem-foi-a-lider-laudelina-de-campos-mello/>>. Acesso em: 5 outubro 2020.

Este artigo tem o intuito demonstrar a realidade da classe trabalhadora negra no Brasil no período pós-abolição, diante das estruturas desiguais estabelecidas entre trabalhadores brancos e negros, através da luta e resistência de Laudelina de Melo Campos e Minervino de Oliveira, figuras emblemáticas e de muita relevância, não só para a história da classe trabalhadora do Brasil e negra, mas também para o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Laudelina, militante desde sempre, lutou, tanto pelos direitos das trabalhadoras domésticas como também contra a exploração de toda classe trabalhadora, sendo referência até os dias de hoje para a luta das domésticas. Minervino por sua vez, militante assíduo, teve uma trajetória de luta ao longo de toda sua vida, sempre em prol da classe trabalhadora e da população negra; foi alvo de perseguições por seus trabalhos de base e suas atuações políticas. Assim, resgatar a história de Laudelina e Minervino é reavivarmos a luta pela emancipação real da classe trabalhadora e pela ruptura da hegemonia burguesa.

RESUMO

Trabalho, resistência, negro, Partido Comunista Brasileiro (PCB).

PALAVRAS-CHAVE

This article aims to demonstrate the reality of the black working class in Brazil in the post-abolition period faced with the unequal structures established between white and black workers, through the struggle and resistance of Laudelina de Melo Campos and Minervino de Oliveira, who are emblematic figures and of great relevance not only to the history of the working class in Brazil and black, but also for the Brazilian Communist Party (PCB). Laudelina has always been a militant, fought not only for the rights of domestic workers, but against exploitation of the entire working class, being a reference to this day for the struggle of domestic workers. Minervino in turn, assiduous militant had a trajectory of struggle throughout his life, always in favor of the working class and the black population, was the target of persecution for his grassroots work and his political actions. Thus, rescuing the story of Laudelina and Minervino it is to revive the struggle for the real emancipation of the working class and for the rupture of bourgeois hegemony.

ABSTRACT

Work, resistance, black. Brazilian Communist Party (PCB).

KEYWORDS

ANA LUIZA ALMEIDA PASSOS

Orcid: <https://orcid.org/000-0002-8733-4809>

E-mail: analupassos97@gmail.com

RECEBIDO: 31.03.2022
ACEITO: 13.05.2022